

vanguard", e o "fim trágico de Rosa (...) uma espécie de coroamento conseqüente de seu pensamento e vida" vai impedi-la de dar termo à questão. Este, talvez, constitua o ponto mais aberto do trabalho de Loureiro, na medida em que dá margens, em primeiro lugar, a uma interpretação fatalista à destinação dos dilemas vividos por RL, principalmente se se considerar o tom profético que imprime aos seus vislumbres no que diz respeito ao drama revolucionário russo. Em segundo lugar, a sua análise pode conduzir a uma apreensão reducionista do "distendimento" de Lukács. Analisando o conjunto de sua obra, é de se pensar que aquele fato, naquela conjuntura, foi, antes, complicador para a sua teoria do que uma solução. Aí, entretanto, se revela o eixo metodológico da análise de Loureiro, cujos pressupostos da crítica social da modernidade foram, na matriz, fortemente inspirados na história e consciência de classe.

De alguma forma, procede o pessimismo do livro, porque, sem cair nas armadilhas paralisantes, esse pessimismo carrega para a análise uma lúcida e atual reposição de RL com a conceituação das massas. Nestes nossos tempos, em que a propalada "crise das ideologias", através dos seus interlocutores mais ferozes, vem tentando tornar tais questões - como revolução, partido, luta de classes -

nada mais que meras questões e nada mais que meras reminiscências, idéias sem fundamento e mal-alicerçadas nas bases da realidade, vencidas que foram pela condenação histórica ao chocarem-se com a superioridade capitalista, Isabel Loureiro, consciente disso, dá a sua contribuição para destruir a ilusão burguesa de que sua destinação será eterna. Mas os dilemas de RL - e o livro nos demonstra com perfeição todos eles - são, mais do nunca, os dilemas da crítica marxista contemporânea. Dimensões que, se durante as tramas vivenciadas por RL, apenas se fazem contorno, hoje estão claramente definidas e fazendo estragos profundos. Ideologia, indústria cultural burguesa, manipulação, relações cibernéticas vêm tomando, em definitivo, o lugar da coerção pela força. Não há mais lugar para as ações heróicas. Os homens, assemelhando-se aos robôs, demonstram prioritariamente que a problemática da conscientização das massas se coloca na ordem do dia. Essa é a mensagem que o livro envia aos leitores; através da consciência que a própria RL teve do processo histórico, ao socialismo, a humanidade foi levada a optar pela barbárie. É com esses elementos, e não com a vontade revolucionária das massas, que temos que reaprender a ler Rosa Luxemburgo.

## CELSO FREDEERICO

*O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social*, São Paulo, Cortez.  
Francisco José Soares Teixeira (Professor de Economia da Universidade Federal do Ceará).

*O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social* tem como objetivo central investigar a evolução intelectual do pensamento de Marx, centrando atenção particular na sua obra de juventude. Celso Frederico descortina essa trajetória tomando como ponto de partida os *Manuscritos de Kreusnach* passando por *A questão*

*judaica* e a *Crítica da filosofia do direito de Hegel (Introdução)*, até chegar aos *Manuscritos econômico-filosóficos* e daí à *Ideologia alemã*, para então buscar na obra de maturidade, e com muita propriedade, diga-se de passagem, algumas teses centrais para dar razão à leitura que faz dessa evolução. Mas, ao mesmo

tempo em que ele mostra essa evolução, convida o leitor para, juntos, desenvolverem o "fio vermelho da teoria revolucionária marxiana". Assim, anuncia desde o começo a associação entre teoria e política, teoria e *praxis*, indissociavelmente presentes ao longo do pensamento de Marx.

Acreditando que o papel do resenhista não se resume unicamente a estabelecer um diálogo com o autor, mas, sim, induzir o público a se dispor a ler o livro, parece então ser conveniente expor as idéias centrais do texto.

Celso Frederico começa sua exposição, capítulo I, apresentando o debate que se desenvolveu entre os discípulos de Hegel, logo após a sua morte. Nesse debate, de um lado, estava a ala conservadora, para quem o sistema hegeliano era uma expressão da realidade presente da época, o que lhe permitia justificar a necessidade do Estado prussiano. De outro, estavam aqueles que compunham a esquerda hegeliana, que rechaçava o sistema filosófico geral de Hegel, para guardar desse sistema o seu método e, assim, retirar dele desdobramentos revolucionários para combater a monarquia prussiana. Nesta ala militavam intelectuais como Marx, Engels, Ruge, Feuerbach, entre outros.

Partindo daí o autor de *O jovem Marx ...* reconstitui as idéias centrais da filosofia feuerbachiana de que Marx se serve para sua primeira crítica da *Filosofia do direito de Hegel*. O ponto em torno do qual gira essa crítica são as mediações que Hegel expõe para chegar ao conceito de Estado. Admitindo, como Feuerbach, que tais mediações não passam de falsas abstrações, da criação fantasmagórica de um pensamento especulativo, Marx investe contra Hegel, acusando-o de mistificador da realidade. Por isso, o jovem Marx acreditava que criticando a filosofia hegeliana estaria, assim, criticando a própria realidade que, segundo ele julgava, servia de referência a essa filosofia. É aqui que aparece com toda força a herança iluminista que orienta o pensamento do jovem ensaísta dos *Manuscritos de Kreumach*.

É claro que existe uma diferença enorme que separa Feuerbach de seu discípulo

revolucionário: o jovem Marx. Enquanto aquele elegera a religião como objeto a ser desmistificado, Marx, diz Celso Frederico, "elege como objeto a ser desmistificado não um produto da consciência, mas um ser material: o Estado ...". Em seguida, acrescenta: "a quimera da religião, responsável pelo exílio da essência humana no além, cede lugar ao Estado político, entendido como projeção ilusória de um ser material" (p.56).

Acompanhando um pouco mais a leitura que Celso Frederico faz dos *Manuscritos de Kreumach*, torna-se clara a rejeição de Marx ao uso de mediações, de universais, para se chegar à verdade. Com efeito, Marx via na corpo razão - urna mediação de que se serve Hegel para compreender as interligações que se estabelecem entre o poder do Estado e a sociedade civil - uma pura invenção especulativa, com o intuito de juntar o que, na realidade, se encontra separado. Quanto a isso, o autor de *O jovem Marx ...* é muito claro. Convidando o leitor para, juntos, acompanharem os comentários que Marx faz do parágrafo 304 da *Filosofia do direito*, ele cita urna passagem na qual Marx diz que " 'dois extremos reais não podem ser mediatizados precisamente porque eles são extremos reais' " (p. 64). Por isso, julga que a sociedade civil e o Estado são dois extremos reais, que não podem ser mediatizados. Assim, comenta Celso Frederico, Marx "reiterou urna visão dualista que consagra a irremediável separação entre as duas esferas [ ... ]. O Estado, assim, está condenado a permanecer 'estranho e exterior ao ser da sociedade civil' " (p. 75). Diante disso, o jovem ensaísta vai propor a democracia como urna forma de vida, na qual os homens, desvencilhados das garras do Estado, fundam o reino de felicidade, onde todos serão livres. Mas é aí que as coisas se complicam, como acertadamente reconhece Celso Frederico. Como Marx rejeitava toda e qualquer mediação, "parece que o Estado, à semelhança do universo onírico da religião, é aniquilado, sem mais, pela força da consciência crítica dos homens redimidos, como se a máquina estatal não tivesse uma existência real e uma capacidade de

retaliação feroz às pretensões emancipatórias dessas consciências rebeladas [ ... ] O Estado, num passe de mágica, parece que desaparecerá ou, melhor dizendo, será reapropriado pela consciência humana desejosa de recuperar sua essência extraviada" (p. 86).

Assim, Celso Frederico conclui sua leitura dos *Manuscritos de Kreuznach*, para, em seguida, ir ao encontro de Marx na cidade de Paris para investigar dois textos importantes: *A questão judaica* e *Crítica da filosofia do direito de Hegel (Introdução)*, ambos publicados na revista *Anais franco-alemães*. Aqui, a distância que separa Marx de Feuerbach cresce consideravelmente, muito embora o pensamento marxiano continue preso à interpretação feuerbachiana da religião. A partir da leitura que o autor de *O jovem Marx ...* faz do texto *Crítica da filosofia do direito de Hegel (Introdução)*, que não deve ser confundido com os *Manuscritos de Kreuznach*, o leitor pode perceber as transformações mais profundas por que passam as concepções teóricas do jovem Marx. É nesse texto que Marx se refere, pela primeira vez, a uma classe social capaz de conduzir o processo de emancipação da humanidade. Essa classe é o proletariado. A crítica da filosofia é feita agora a serviço da revolução social. Entretanto, Celso Frederico reconhece que nessa nova etapa da constituição de sua teoria social, " ... aberta pela redação da *Crítica da filosofia do direito de Hegel (Introdução)*, *praxis* é sinônimo de ação política revolucionária, mas de ação movida por uma idéia que lhe é exterior e que tudo conduz. É do próprio movimento do pensamento que brota a reivindicação da emancipação humana como um imperativo categórico, para retomarmos a expressão idealista empregada por"

(p. 108).

Somente com a redação dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx dará um passo decisivo para a construção de sua teoria social. A partir daí, ele " ... lança-se num tema central para o desenvolvimento de sua teoria social: as relações entre a propriedade e o trabalho alienado, chave para a justificação teórica do comunismo" (p. 128). Desde então, pôde se posicionar criticamente frente a Feuerbach e a Hegel e, então, " ... encontrar o seu caminho. A apropriação da teoria feuerbachiana da alienação [ ... ] é superada nas reflexões de Marx, ainda incipiente, de uma visão teórica que, daí para frente, acompanhará toda a sua trajetória [ ... ] A novidade radical do pensamento marxiano faz sua aparição nas páginas atormentadas desses manuscritos nos quais o jovem ensaísta se dedica ao acerto de contas com a dialética e, assim fazendo, aproxima-se criticamente do método hegeliano" (p. 165).

Mas o que significa essa aproximação com o método hegeliano? Que doravante o conhecimento é um processo mediado. Noutras palavras, a certeza sensível, como pensava Feuerbach, não é mais o critério da verdade. Entretanto, se Celso Frederico descobre que a verdade mediada levou Marx a uma teoria revolucionária científica, por outro lado, ele permanece calado quanto ao modo de como este pensador adquire essas mediações. Se a certeza sensível cede lugar a mediação, como; então, Marx se apropria dessas mediações? Essa é uma questão que o autor de *O jovem Marx ...* deixa em aberto. Por isso, não seria de todo inapropriado perguntar-lhe se essa lacuna não abre uma porta para levar Marx de volta ao empirismo.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. Resenha de: FREDERICO, Celso. O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social. São Paulo: Cortez, 1995. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.159-161.

***Palavras-chave:*** Luta armada; Jovem Marx; Ontologia.